

NARRATIVA VISUAL E ALTERIDADE EM *MAMA'S SLEEPING SCARF*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: IDENTIDADE CULTURAL E REPRESENTAÇÕES

VISUAL NARRATIVE AND OTHERNESS IN CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE'S *MAMA'S SLEEPING SCARF*: CULTURAL IDENTITY AND REPRESENTATIONS

Susana Amante

Doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca (Salamanca/Espanha).
Professora Adjunta na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Viseu (Viseu/Portugal).
E-mail: susanamante@estgv.ipv.pt

Recebido em: 5 de outubro de 2024
Aprovado em: 6 de janeiro de 2025
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 22 | n. 1 | p. 326-341 | jan./jun. 2025
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.3909>

RESUMO

Chimamanda Ngozi Adichie é uma reconhecida autora nigeriana, cuja obra literária explora temas como identidade, gênero, pós-colonialismo e cultura. O presente artigo analisa a forma como em *Mama's Sleeping Scarf*, a sua primeira incursão na literatura infantil, Adichie oferece uma narrativa simples, mas profunda, que celebra a cultura africana e a diversidade familiar. A narrativa, centrada em Chino, uma menina nigeriana, utiliza o lenço de dormir da mãe como um símbolo de conexão intergeracional e identidade cultural. Adichie desafia estereótipos ao retratar uma mãe trabalhadora e um pai envolvido nas tarefas domésticas, subvertendo papéis tradicionais de gênero. A obra destaca-se pelas suas ilustrações vibrantes que refletem a herança cultural nigeriana, enquanto o texto aborda de forma acessível temas complexos como equidade de gênero e diversidade cultural. *Mama's Sleeping Scarf* é uma contribuição significativa para a literatura infantil, descolonizando-a ao oferecer uma representação positiva e inclusiva da cultura africana. Através desta obra, Adichie reafirma seu compromisso com a representação cultural e a construção de narrativas que promovem a compreensão intercultural desde a infância.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie. Literatura infantil. Pós-colonialismo. Semiótica Visual. Identidade, Gênero, Alteridade e Representações.

ABSTRACT

Chimamanda Ngozi Adichie is a renowned Nigerian author whose literary work explores themes such as identity, gender, post-colonialism, and culture. This article analyzes how in *Mama's Sleeping Scarf*, her first foray into children's literature, Adichie offers a simple yet profound narrative that celebrates African culture and family diversity. The story, centered on Chino, a young Nigerian girl, uses her mother's sleeping scarf as a symbol of intergenerational connection and cultural identity. Adichie challenges stereotypes by portraying a working mother and a father involved in household chores, subverting traditional gender roles. The work is distinguished by its vibrant illustrations that reflect Nigerian cultural heritage, while the text addresses complex themes such as gender equity and cultural diversity in an accessible manner. *Mama's Sleeping Scarf* is a significant contribution to children's literature, decolonizing it by offering a positive and inclusive representation of African culture. Through this work, Adichie reaffirms her commitment to cultural representation and the construction of narratives that promote intercultural understanding from an early age.

Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie. Children's Literature. Postcolonialism. Visual Semiotics. Identity, Gender, Otherness, and Representations.

1 INTRODUÇÃO

"... nas suas narrativas, Adichie compromete-se a representar uma sociedade nigeriana marcada pela diversidade, uma sociedade em que as raparigas viajam, vestem roupas americanas, falam bem inglês e gostam de Mariah Carey, para espanto de muitos (...), mas também uma sociedade marcada pela guerra civil Nigéria-Biafra que dizimou populações e as privou de bens essenciais..." (Amante, 2022a, pp. 3-4)

Chimamanda Ngozi Adichie é uma das vozes literárias mais proeminentes e influentes da contemporaneidade, conhecida por uma escrita poderosa que explora temas como identidade, alteridade, cultura, pós-colonialismo, migração e gênero. Com obras que vão desde romances consagrados, como *Purple Hibiscus* (2003), *Half of a Yellow Sun* (2006) e *Americanah* (2013), até à coletânea de contos intitulada *The Thing around Your Neck* (2009a) e aos ensaios amplamente discutidos, como *We Should All Be Feminists* (2014), Adichie estabeleceu-se como uma escritora cujas narrativas ressoam profundamente em plataformas e contextos diversos (Stefanova, 2023).

De facto, o impacto de Adichie vai além das páginas escritas, estendendo-se à cultura popular. O ensaio supramencionado teve origem num Manifesto proferido na TEDxEuston, em Londres, em 2012, e foi amplamente citado na faixa "Flawless" do álbum homónimo de Beyoncé, lançado em 2013. Este álbum, frequentemente creditado por redefinir o conceito de álbum visual e popularizar a estratégia de lançamento surpresa, inclui excertos do manifesto de Adichie sobre feminismo, trazendo a discussão sobre igualdade de gênero para um público internacional. Além de rappers como Jay-Z e Drake, e do cantor Frank Ocean, a escritora nigeriana aparece como uma das vozes presentes, com trechos do seu ensaio incluídos na música, ampliando a ressonância das suas ideias.

Foi também numa TED Talk que a escritora nigeriana em apreço já se tinha feito notar, com a palestra intitulada *The Danger of a Single Story* (Adichie, 2009b), garantindo, por esta via, que as suas ideias tinham um alcance mais amplo, sinergisticamente atingindo um público mais vasto e diversificado do que apenas os leitores tradicionais dos seus romances. Levando as suas mensagens até pessoas que talvez não tivessem acesso ou interesse imediato em obras literárias, Adichie foi reforçando o impacto e a profundidade das suas ideias, procurando retratar a diversidade de uma sociedade nigeriana contemporânea, vibrante e multifacetada, mas não deixando de revelar as cicatrizes do passado, conforme exposto na epígrafe que abre este artigo.

Recentemente, Adichie expandiu o seu repertório literário com a publicação do seu primeiro livro infantil, *Mama's Sleeping Scarf*, escrito sob o pseudónimo Nwa Grace-James (2023), como tributo aos seus pilares, os seus pais Grace e James. A decisão de Adichie de escrever um livro infantil foi impulsionada

pelo desejo de documentar as memórias da sua filha e, por conseguinte, a protagonista, Chino, é baseada nela. Publicada como parte de um contrato de três livros com a HarperCollins Children's Books no Reino Unido e a Knopf nos Estados Unidos da América, a obra *Mama's Sleeping Scarf* foi lançada em vários formatos, incluindo capa dura, eBook e audiobook. Esta obra marca uma nova fase na sua carreira, trazendo a sensibilidade e a profundidade da sua escrita para um público mais jovem, na qual se desafiam igualmente estereótipos simplistas que frequentemente reduzem a África a um único relato monolítico.

Nesta introdução ao universo da literatura infantil, Adichie constrói uma narrativa simples e encantadora sobre a vida familiar e as pequenas alegrias do quotidiano. *Mama's Sleeping Scarf* acompanha Chino, uma pequena menina que, através do lenço de dormir da sua mãe, embarca num dia repleto de imaginação e descobertas, fortalecendo os seus laços familiares e explorando a sua própria identidade. O livro, ilustrado com vivacidade por Joelle Avelino, não só celebra o amor entre mãe e filha e os restantes elementos da família nuclear numa atmosfera acolhedora, mas também apresenta uma rica tapeçaria visual que reflete a herança cultural da Nigéria, através das cores quentes e padrões repetidos nas roupas e nos ambientes.

Através desta obra, Adichie reafirma temas centrais da sua escrita, como a importância da identidade cultural e das relações familiares, ao mesmo tempo que explora a potencialidade da literatura infantil como um meio de introduzir conceitos complexos, como diversidade cultural, equidade de género e dinâmica entre tradição e modernidade, de maneira acessível e envolvente. O livro também se distingue pela complementaridade entre texto e imagem, onde as ilustrações não apenas embelezam a narrativa, mas ampliam a sua significação, contribuindo para uma experiência de leitura rica e multissensorial, como observaremos ao longo das próximas secções deste estudo.

Este artigo, que tem como objetivo analisar como *Mama's Sleeping Scarf*, reflete temas centrais da obra de Adichie, por meio de uma abordagem inovadora da cultura visual. Constituindo um álbum ilustrado direcionado para o universo infantojuvenil, esta narrativa carrega consigo a profundidade e a riqueza temática características das obras de Adichie. Nas próximas páginas, discutiremos como o livro em análise se insere no contexto da literatura pós-colonial, retratando a cultura nigeriana de maneira inclusiva e positiva, sem exotizar ou simplificar excessivamente a experiência cultural africana. Isso faz com que *Mama's Sleeping Scarf* seja uma leitura educativa, que pode ajudar crianças de diferentes origens a desenvolver uma compreensão e respeito pela diversidade cultural, como veremos adiante.

1 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, PÓS-COLONIALISMO E O PODER DA LITERATURA INFANTIL

Chimamanda Ngozi Adichie is one of the most promising and award-winning writers in Africa, whose works have been translated into numerous languages. The authoress was born and raised in Nigeria and much of her writing deals with subjects that have close ties to her home country, including its history, its ordeals, and its challenges (Fazakas, 2023, pp. 55-56).

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977, em Enugu, na Nigéria, e cresceu na cidade universitária de Nsukka. Desde jovem, foi influenciada por obras de autores nigerianos como Chinua Achebe, o que moldou a sua perspectiva literária e social. Adichie é amplamente reconhecida como uma das vozes literárias mais influentes da atualidade, com uma obra que atravessa fronteiras culturais e geográficas, abordando questões centrais como identidade, raça, gênero e história, como vimos acima, na introdução a este artigo.

Formada em Comunicação e Ciência Política, nos Estados Unidos da América, onde estudou desde os seus 19 anos após cursar medicina na sua terra natal por um ano, Adichie estabeleceu o seu talento literário e emergiu como uma voz de destaque ao retratar a complexidade das dinâmicas familiares e as pressões religiosas na Nigéria pós-colonial no seu primeiro romance, *Purple Hibiscus* (2003). Em obras subsequentes, como *Half of a Yellow Sun* (2006) e *Americanah* (2013), solidificou a sua posição, abordando temas como a Guerra Civil da Nigéria, também conhecida como Guerra de Biafra e as complexidades raciais e identitárias tanto nos Estados Unidos como na Nigéria.

Adichie é frequentemente comparada a Chinua Achebe, não apenas pela sua herança nigeriana, mas também pelo seu compromisso com questões culturais e sociais. Assim como Achebe, Adichie utiliza a sua obra para promover uma maior compreensão intercultural e para questionar as construções de identidade impostas pelo colonialismo e pela globalização. A sua escrita transcultural, ou “afirmação híbrida”, conforme proposto pela crítica literária pós-colonial (Salhi, 2023), visa reconciliar as nações pós-independência com o seu legado colonial, ao invés de promover uma rejeição radical que poderia levar a conflito e tensões sociais. Já anteriormente, Achebe, de forma semelhante, embora condenasse veementemente as formas como o colonialismo desestruturou as sociedades africanas, acreditava que o reempoderamento dessas sociedades exigia a incorporação, e não a rejeição, de muitas das práticas de governança introduzidas durante o período colonial, como as educativas, administrativas e sociais (Gilley, 2016). A obra destes dois escritores ressoa globalmente, ultrapassando as fronteiras tradicionais e comprometendo-se com diálogos que visam integrar o legado colonial de maneira construtiva nas sociedades pós-coloniais e, assim, promover a harmonia entre diferentes culturas.

Efetivamente, na África, especialmente na Nigéria, a literatura pós-colonial tem explorado tanto os efeitos do colonialismo como as transformações sociais e culturais ocorridas após a independência. Um dos marcos dessa teoria designada como pós-colonial é a obra *Orientalism* (1978), de Edward Said, que, juntamente com obras de outros teóricos como Stuart Hall (1990 e 1996) e Homi Bhabha (1994), fornece um quadro crítico para compreender a complexidade das identidades pós-coloniais. Se Said discute como o Ocidente construiu e perpetuou uma imagem distorcida e inferiorizante do Oriente, reforçando disparidades entre europeus e povos não europeus, vistos como o 'Outro' primitivo e não civilizado, Hall concebe a identidade como um campo de disputa e negociação contínua, já que esta é construída de forma relacional e, portanto, define-se e reformula-se em relação a outras identidades e dentro de sistemas de poder e conhecimento. Por outras palavras, argumenta que a identidade cultural não é fixa, mas sim um processo dinâmico e em constante evolução; é um processo de 'posicionamento' dentro de sistemas discursivos que determinam como as pessoas se veem e são vistas pelos outros. De forma complementar, Homi Bhabha introduz o conceito de 'terceiro espaço', um espaço ambivalente onde as identidades emergem, não entre fronteiras culturais fixas, mas num campo de negociação que transcende binarismos simples, possibilita uma hibridização cultural complexa e a negociação constante da identidade. Ambos os teóricos sublinham a fluidez da identidade, destacando que ela é constantemente reformulada e negociada em espaços de interação cultural e dentro de sistemas de poder (Nkansah; Bonsu, 2024).

É nesse contexto que a perspectiva epistemológica de Deleuze e Guattari (1987) se torna relevante, oferecendo uma ampliação dessas ideias ao introduzir conceitos como multiplicidade, rizoma e desterritorialização. Deleuze e Guattari também propõem que as identidades e os sistemas de conhecimento não são fixos ou binários, mas sim múltiplos e interconectados, desenvolvendo-se de maneira não-linear. O conceito de rizoma, por exemplo, reflete a ideia de que as identidades não seguem uma trajetória única e linear, mas sim uma rede complexa de relações que desafiam as hierarquias tradicionais. Além disso, o conceito de desterritorialização desafia a fixidez das fronteiras culturais, promovendo uma visão na qual as identidades e os significados estão em constante movimento, afastando-se das categorizações rígidas impostas pelo colonialismo. Assim, a perspectiva de Deleuze e Guattari complementa as teorias de Said, Hall e Bhabha, ao sublinhar a necessidade de pensar a identidade e a alteridade como processos abertos, subjetivos, dinâmicos e em fluxo constante, resistindo a qualquer tentativa de fixação ou essencialização.

Amante *et al.* (2019a, p. 197), retomando todos estes pressupostos para refletir sobre conceitos como identidade, alteridade, representações e diferença em obras de literatura infantojuvenil, reafirmam

que “[e]ssa subjectividade sustenta o discurso de hegemonia e das relações de poder sobre as vozes marginais, pois baseia-se na premissa de que o diferente é inferior”, e continuam, lembrando que

Um dos meios ao nosso dispor para a promoção da tolerância e celebração da diferença reside na Literatura, principalmente naquela que é dirigida, em primeira instância, à criança. As obras de literatura infantil e juvenil são um importante motor para o pleno desenvolvimento da criança, propiciando modelos, aprendizagens significativas, laços afetivos, espaços de evasão, de ludicidade e de reflexão (ibidem, p. 198).

No contexto da literatura pós-colonial, Adichie desafia as expectativas coloniais nas suas obras, nomeadamente na sua mais recente publicação dirigida ao leitor mais pequeno, *Mama's Sleeping Scarf*.

Durante muito tempo, a literatura infantil foi dominada por histórias que refletem maioritariamente experiências e perspetivas ocidentais, muitas vezes negligenciando ou estereotipando outras culturas (Amante *et al.*, 2019a e 2019b; Amante, 2022b). Ao criar uma história centrada numa família africana, com uma pequena protagonista nigeriana inocente e curiosa, que observa e explora as rotinas familiares através de um objeto culturalmente significativo, Chimamanda Ngozi Adichie contribui para a diversificação das histórias infantis, oferecendo uma representação rica de uma das muitas facetas da vida nigeriana.

A importância de *Mama's Sleeping Scarf* no cenário pós-colonial reside na sua capacidade de oferecer uma narrativa que não só celebra a cultura africana, mas também a normaliza dentro do universo literário infantil. O livro desmistifica e descoloniza a literatura infantil ao apresentar personagens negros num contexto familiar positivo, amoroso e empoderador. A história de Chino, centrada em torno de um objeto quotidiano, como o lenço de dormir de sua mãe, torna visível a beleza e a dignidade das tradições culturais africanas, sem recorrer a exotismos ou simplificações, como referimos. Essa abordagem desafia as representações estereotipadas que muitas vezes dominam a literatura ocidental, oferecendo uma narrativa onde as crianças negras podem ver-se refletidas de maneira positiva, com ligação às suas tradições familiares, mas abertas ao mundo moderno e às experiências universais da infância.

1.1 UMA ANÁLISE DE *MAMA'S SLEEPING SCARF*

Children should be seen according to their strengths or weaknesses, in an individual way, not on a scale of what a girl or boy should be. They should be measured on a scale of being the best versions of themselves (Adichie, 2017, p. 19).

A escolha de escrever para crianças não só demonstra a versatilidade de Chimamanda Adichie, mas também a sua compreensão do poder da literatura em moldar mentes desde a infância. Embora Adichie seja conhecida por explorar temas complexos e muitas vezes dolorosos nas suas obras para

adultos, a sua estreia na literatura infantil mantém a profundidade de sua voz narrativa, agora adaptada a um público de tenra idade, com uma simplicidade que não perde a riqueza de significado e com claros objetivos pedagógicos.

Mama's Sleeping Scarf representa um passo significativo na carreira de Adichie, não apenas como uma extensão de sua obra, mas como uma reafirmação do seu compromisso com a representação cultural e a construção de narrativas de alteridade. A literatura infantil tem um papel crucial na formação de percepções culturais, oferecendo às crianças uma primeira visão do mundo e das diversas formas de ser e viver nele. Ao criar um livro que celebra a cultura e as tradições africanas, mas enquadradas num mundo cada vez mais global, Adichie contribui para a diversidade e inclusão na literatura infantil, oferecendo às crianças, especialmente às de ascendência africana, uma narrativa em que se podem ver representadas e valorizadas.

Apresentando-se como um livro de capa dura para leitores a partir dos 3 anos de idade, brinda-nos, ao longo das suas 32 páginas, com cores e padrões dos tecidos tradicionais típicos na Nigéria, como o 'Ankara' ou outros tecidos de cera africanos, tão importantes em termos identitários e culturais, como Lemi (2024, p. 1) postula:

The memory of Africa's cultural richness and diversity imprinted in textiles has shaped the global view of the continent for centuries. Endured with the wisdom of arts, Africa's artistic traditions constitute a primary example of its intellectual and cultural vitality (...). One aspect of these rich and attractive traditions is based on how the symbolic expression of identity is canvassed on a piece of dress or textile. (...) [T]extiles play a critical role in the lives of Africans where the fabrics are used as clothing, shelter, and storage facilities.

Traditionally, African textiles play a great role in expressing cultural, social, and power status that is employed in the reinforcement of authority and unity as well as the commemoration of important events or identification of group members.

O lenço verde, com círculos vermelhos e outros, mais pequenos, azuis é, aparentemente, um objeto comum que a mãe usa para dormir, mas assume um papel central como símbolo cultural e de ligação intergeracional. Para Chino, o lenço não é apenas um pedaço de tecido, mas um elo tangível com sua mãe, representando segurança, amor e continuidade. Ao brincar com o lenço, Chino não só passa o tempo até a mãe regressar do trabalho, mas também explora sua própria identidade e ligação com as suas raízes. O ato de envolver o lenço em torno da cabeça, imitando a mãe, é um gesto carregado de significado: Chino não está apenas a brincar, mas também a afirmar a sua própria identidade dentro do contexto familiar e cultural. Profundamente enraizado nas tradições africanas, o ato de proteger o cabelo, especialmente

com um lenço, é uma prática comum e carregada de significados relacionados com a beleza, autocuidado e identidade cultural. Para Chino, o lenço é um objeto que transcende sua função prática, tornando-se uma ferramenta de imaginação e expressão pessoal. Esta conexão com o lenço reflete como objetos cotidianos podem ser carregados de significado cultural e emocional, especialmente quando vistos pelos olhos de uma criança. Assim, este objeto passa de um lenço sedoso ao cobertor de Bunny, o seu coelhinho de peluche, quando, num jogo faz-de-conta, Chino finge ser médica, para ser ainda motivo da brincadeira no parque, com o seu avô, e, depois, com a avó, quando joga ao "esconde-esconde".

É curioso verificar que a autora nigeriana procura desconstruir estereótipos ao dar-nos a conhecer uma mãe que vai trabalhar, enquanto o pai cumpre os seus deveres paternais ao preparar um smoothie saudável para a filha e, depois, o jantar para toda a família, quando a sua esposa chega do trabalho. As ilustrações complementam a componente verbal, mostrando-nos um marido zeloso e feliz, com luvas de cozinha, a tratar de tarefas domésticas enquanto a mãe brinca no chão com a filhota, que calça os sapatos de salto alto da mãe e põe os seus óculos de sol, enquanto a menina aperalta a sua progenitora e o seu companheiro de peluche com colares, pulseiras e óculos de sol. Como nos lembram Farias e Pinheiro (2021, p. 407),

Ao negar preponderância à maternidade sobre os demais papéis femininos, Adichie se afasta de posições essencialistas sobre o tema, pois não apenas dessacraliza a experiência materna, como recomenda às mães que sejam (mais) complacentes consigo mesmas, criticando a ideia de que uma mãe tudo deva suportar estoicamente, como se infalível ou super-humana.

Acérrima defensora do feminismo, Adichie argumenta que este movimento é, na sua essência, uma posição clara e simples sobre a necessidade de se corrigirem as desigualdades de género que ainda persistem na sociedade. Ela sublinha a importância de desconstruir a ideia dominante e culturalmente enraizada a que Dosekun (2023, p. 1432) alude quando discute que "*the 'good Nigerian woman' is deeply patriarchal and conservative (...) subservient to men ultimately and dutiful to family, assuming the traditional gendered roles of motherhood and domesticity, and maintaining bodily, especially sexual, 'respectability.'*"

Chimamanda Adichie redefine o feminismo como a crença de que existe um problema com as atuais construções de género e que é necessário agir para corrigir isso. Ao promover a igualdade de género, Adichie enfatiza a importância de desafiar as normas culturais e sociais que perpetuam essa desigualdade. Por exemplo, a escritora aborda a questão da divisão das responsabilidades domésticas, como acabámos de ver, e critica a ideia de que as mulheres devem ser capazes de 'fazer tudo', propondo que o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos devem ser distribuídos de forma equitativa entre homens e mulheres.

Defende que uma maior participação dos pais nas tarefas domésticas não só beneficia as mães, permitindo-lhes mais liberdade para seguir outras aspirações, mas também promove uma sociedade mais justa e equilibrada. Esta discussão é central para o feminismo de Adichie, que procura dismantelar as estruturas patriarcais que limitam tanto homens quanto mulheres. Ao desafiar as normas que definem o que é apropriado para cada gênero, Adichie não apenas luta pela igualdade, mas também pela liberdade de todos os indivíduos, independentemente do gênero, de viverem vidas plenas e autênticas. Talvez por isso encontremos o pai de Chino a vestir rosa, o avô a passear com a neta e a avó a ler o jornal. Por outro lado, a mãe não renega o seu lado feminino, mas redefine-o, mostrando que feminilidade e força não são conceitos opostos, contrariamente àquilo que alguns preconizam:

The word feminist is so heavy with baggage, negative baggage: you hate men, you hate bras, you hate African culture, you think women should always be in charge, you don't wear make-up, you don't shave, you are always angry, you don't have a sense of humour, you don't use deodorant (Chimamanda, 2014, 11).

As feministas africanas têm diferentes abordagens para com o patriarcado, algumas socorrendo-se de métodos radicais para desafiar o sexismo, o racismo e o colonialismo, enquanto outras, as womanistas, criticam o feminismo por ser eurocêntrico, enfatizando a importância da autodeterminação baseada nas raízes culturais africanas, sem radicalismo (Ngwaba *et al.*, 2024; Rasool; Harms-Smith, 2022). Acadêmicas como Nnaemeka (2003) e Ezeigbo (2012) têm desenvolvido as suas teorias feministas enfatizando os valores da reciprocidade, negociação e compromisso no seio das culturas africanas.

Chimamanda Adichie contesta uma visão radical e dá-nos a conhecer personagens que abraçam a sua identidade feminina enquanto reivindicam o seu direito de escolher e viver de acordo com suas próprias definições de sucesso e realização. A visão do feminismo de Adichie é inclusiva e prática, propondo mudanças concretas nas relações quotidianas e na estrutura social como um todo, isto porque, como preconizado por bell hooks (2000), as feministas não nascem feministas, mas aprendem a reclamar a sua voz e a lutar contra as estruturas de opressão através da experiência e do envolvimento com as realidades ao seu redor. Por isso, segundo Adichie (2017, p. 37),

Girls should be taught to be honest and brave, they should be encouraged to speak their minds, to say what they really think, to speak truthfully. They should be praised when they take a stand that is difficult or unpopular because it happens to be their honest position.

A ênfase na autodeterminação e na parceria com os homens reflete uma abordagem que valoriza tanto a resistência quanto a construção de novas dinâmicas sociais, onde a justiça e a equidade podem florescer de forma sustentável e culturalmente enraizada.

Pelo exposto, podemos sublinhar que a importância da literatura infantil vai além do entretenimento. Vista, por muitos, como paraliteratura, subliteratura ou infraliteratura, é, no entanto, uma ferramenta poderosíssima na construção da identidade e na compreensão do Outro. Livros como *Mama's Sleeping Scarf* têm o potencial de instilar nas crianças um senso de orgulho cultural, ao mesmo tempo em que ensinam valores universais como o amor familiar, a empatia e o respeito pelas diferenças, desde cedo. Adichie, com sua estreia na literatura infantil, posiciona-se como uma autora que entende e valoriza esse poder, usando sua escrita para contribuir para um mundo mais inclusivo e equitativo, começando com os leitores mais jovens.

Mas *Mama's Sleeping Scarf* tem também um valor estético, para além do seu valor pedagógico. A linguagem simples e direta é uma marca do livro, onde a economia de palavras é usada para maximizar o impacto emocional e visual. A escolha de palavras é cuidadosa, e cada frase é construída para transmitir significado com clareza e profundidade. Mesmo quando Chino fala com o seu coelhinho de peluche, Bunny, fá-lo para nos dar a conhecer o seu mundo interior. O seu brinquedinho serve como uma extensão do seu imaginário, refletindo os seus sentimentos e estados emocionais, ou como forma de dotar a realidade de sentido. Proporciona conforto e atua, também, como uma testemunha silenciosa das suas experiências e descobertas. A simplicidade do texto, combinada com a repetição e o ritmo natural – que, em algumas páginas, adquire uma qualidade visualmente ondulante – confere à narrativa uma musicalidade própria de textos poéticos. Não é por acaso que, na contracapa da edição cartonada, se lê que a obra é “[a] poetic, tender tribute to the simple joys of family life”. A repetição de certas estruturas, como “big red circles”, “little blue circles”, “all soft [ou ‘warm’] and nice”, “no, silly, ...”, “come back” e da onomatopeia “wheew!”, de entre outras, ajuda a criar um ritmo que ressoa com o leitor, induzindo uma sensação de calma e familiaridade.

Além disso, as cores quentes, como laranjas, amarelos, rosas e verdes, juntamente com os padrões tradicionais africanos presentes nas roupas e nos ambientes, enriquecem a atmosfera, sugerindo um calor acolhedor, com reminiscências de um lar africano.

De facto, as ilustrações de Joelle Avelino em *Mama's Sleeping Scarf* desempenham um papel fundamental na construção da narrativa visual do livro, complementando a simplicidade do texto de Chimamanda Ngozi Adichie, dirigido aos leitores mais pequenos. Avelino, uma artista conhecida pelas suas obras vibrantes e expressivas, como *Bookworms* (Fodey, 2022) ou *The Story of Afro Hair* (Chimbiri, 2021) por exemplo, utiliza o seu talento para criar um ambiente visual que não acompanha a história apenas, mas que a enriquece,

trazendo à vida o mundo de Chino de maneira vívida e acessível. Como vimos acima, mais do que uma mera tradução iconográfica do texto, as ilustrações acrescentam camadas de significado à narrativa. A artista retrata personagens com diferentes tons de pele, estilos de cabelo e características físicas, destacando a multiplicidade existente dentro da comunidade negra. Cada personagem é desenhada com cuidado e individualidade, desde Chino e sua mãe e pai, até aos avós, todos exibindo traços que são ao mesmo tempo distintos e harmoniosos. As gerações familiares, representadas através das figuras dos avós, trazem uma dimensão intergeracional à narrativa visual. Avelino captura a ternura e o amor entre as diferentes gerações, destacando a importância dos laços familiares como uma base para o crescimento e a formação da identidade. Os momentos em que Chino interage com seus avós são particularmente emotivos, mostrando como a sabedoria e o cuidado dos mais velhos influenciam a percepção de mundo da criança. Essa atenção ao pormenor é também observada nas brincadeiras de Chino ao ar livre, no chão de casa, rodeada de carrinhos e dos sapatos vermelhos de salto alto da mãe, de entre outros espaços e acessórios, não só intensificando o aspeto visual do livro, mas também reforçando a mensagem de inclusão e representatividade, oferecendo às crianças leitoras uma janela para a rica tapeçaria da vida familiar africana.

As crianças, especialmente aquelas que compartilham a herança cultural das personagens, podem sentir-se representadas e valorizadas, enquanto outras têm a oportunidade de apreciar e aprender sobre uma cultura diferente. Essa combinação de texto e imagem, com uma sinergia notável, faz de *Mama's Sleeping Scarf* uma obra que não só entretém, mas educa e inspira, tornando-se um exemplo poderoso de como a literatura infantil pode ser uma ferramenta eficaz para a promoção da diversidade e da compreensão intercultural.

Amante (2023, p. 245) lembra-nos que os álbuns ilustrados são realmente mais do que entretenimento e as suas três dimensões – verbal, pictórica e sonora – articulam-se na perfeição, criando uma experiência de leitura (ou auditiva) rica e envolvente. Efetivamente, essa componente sonora torna-se indissociável do gênero, como apontado por Oittinen et al. (2018), porque estes livros são, muitas vezes, lidos para as crianças, adicionando-se uma camada extra ao jogo entre texto e imagem. A leitura em voz alta não só dá vida ao texto, mas também ajuda as crianças a desenvolverem a sua sensibilidade auditiva e compreensão oral, enquanto reforça o vínculo emocional entre quem lê e quem ouve.

No entanto, *Mama's Sleeping Scarf* também foi objeto de algumas críticas por seguir um modelo de família tradicional, composto por mãe, pai e avós, o que alguns leitores veem como uma visão limitada da diversidade familiar, conforme observamos em posts sobre a obra, na Amazon. Em comparação com outras obras infantis que exploram estruturas familiares mais variadas – como aquelas que incluem

famílias monoparentais, adoções, famílias com casais do mesmo sexo, ou compostas por membros de diferentes culturas – o livro de Adichie pode parecer mais convencional. Essa crítica é válida na medida em que a literatura infantil pós-colonial tem a responsabilidade de refletir a multiplicidade das experiências familiares na diáspora africana e além. No entanto, é importante reconhecer que a representação de uma família tradicional negra, com seus valores e tradições culturais, também é uma forma de resistência contra a invisibilidade histórica dessas famílias na literatura infantil global.

CONCLUSÃO

Neste artigo, lançamos um olhar sobre a obra *Mama's Sleeping Scarf*, de Chimamanda Ngozi Adichie, destacando como ela se insere de forma significativa na literatura infantil e na trajetória literária da autora. A análise destacou a transição de Adichie para o universo da literatura infantil e a importância desta obra na sua carreira, especialmente por se apresentar como uma representação cultural e de gênero mais autêntica dirigida a leitores/ouvintes mais novos. O livro explora, através do lenço de dormir da mãe da protagonista, a transformação de um objeto cotidiano num veículo poderoso para a expressão de identidade e conexão familiar. De facto, a contribuição de Adichie para a literatura infantil, com *Mama's Sleeping Scarf*, é uma extensão significativa do seu legado, ampliando o alcance da sua escrita e reforçando a sua missão de promover a diversidade cultural e desafiar estereótipos. Através da história de Chino e da sua interação com o lenço da mãe, Adichie oferece uma narrativa que é ao mesmo tempo universal e profundamente enraizada numa cultura específica, proporcionando às crianças uma ferramenta poderosa para a construção de identidades seguras e positivas desde cedo.

As ilustrações de Joelle Avelino são igualmente notáveis, contribuindo para uma narrativa visual que promove a diversidade dentro da comunidade negra e enriquece a experiência de leitura. Através de uma representação rica e positiva da vida familiar, *Mama's Sleeping Scarf* oferece um ambiente de apoio e crescimento, onde o amor e a presença intergeracional são fundamentais. A simplicidade da narrativa, aliada à profundidade simbólica do lenço, faz com que a obra ressoe com temas universais e duradouros, apesar de ser voltada para um público infantil.

Em estudos futuros, seria importante explorar mais a fundo a influência de *Mama's Sleeping Scarf* na literatura infantil, particularmente em relação à recepção entre leitores/ouvintes de diferentes origens culturais. Acompanhar-se-ão os próximos passos nas incursões desta escritora nigeriana no universo infantil, uma vez que se aguardam, pelo menos, dois outros livros como parte do contrato firmado com as suas editoras. Esta e outras obras ampliam a compreensão do papel da literatura na construção de uma sociedade mais inclusiva e culturalmente mais rica.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. **Mama's Sleeping Scarf**. New York: Alfred A. Knopf, 2023.
- ADICHIE, C. **Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions**. London: 4th Estate, 2017.
- ADICHIE, C. **We Should All Be Feminists**. New York: Vintage Books, 2014.
- ADICHIE, C. **Americanah**. New York: Alfred A. Knopf, 2013.
- ADICHIE, C. **The Thing around Your Neck**. New York: Alfred A. Knopf, 2009a.
- ADICHIE, C. The Danger of a Single Story. *TEDGlobal*, 2009b. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en. Acesso em: 05/08/2024.
- ADICHIE, C. **Half of a Yellow Sun**. London: 4th Estate, 2006.
- ADICHIE, C. **Purple Hibiscus**. London: 4th Estate, 2003.
- AMANTE, S. Weaving Words of Connection and Pictures of Endearment Together into E(/a)ffective Storytelling: A Glimpse of *We All Play*, *Still This Love*, *Buffalo Wild*, and *On the Trapline*. **Jeunesse: Young People, Texts, Cultures** 15(2), pp. 244-251, 2023. <https://doi.org/10.3138/jeunesse-2022-0048>
- AMANTE, S. Chimamanda Adichie, Mia Couto e o combate às expectativas de gênero". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e75873, pp. 1-12, 2022a. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n175873>
- AMANTE, S. Forging a Space for Dialogue and Negotiation in Modern Picture Books by Melanie Florence. **Ars Aeterna**, 4(2), pp. 22-36, 2022b. <https://doi.org/10.2478/aa-2022-0009>
- AMANTE, S.; DELPLANCQ, V., LOPES, A.; RELVAS, S. Tradução e re-IMAG[EM]Inação como Locus e Foco Central em *The Adventures of Tom Sawyer*. **Journal of Anglo-Portuguese Studies**, 28, pp. 191-227, 2019a. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/141979/4/REAP28%20ACT.pdf>. Acesso em: 05/08/2024.
- AMANTE, S.; PINHO, S.; BALULA, J.P. Textbooks as a Basic Resource for the Promotion of Intercultural Coexistence? A Case Study. In JOHNSON, N.; SIMPSON, S. (eds.). **Bridging Differences: Understanding Cultural Interaction in Our Globalized World**. Boston, M.A.: Brill, 2019b, pp. 195-205. https://doi.org/10.1163/9781848883680_017

BHABHA, H. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1987.

DOSEKUN, S. The problems and intersectional politics of “#BeingFemaleinNigeria”. **Feminist Media Studies**, 23(4), 2023, pp. 1429-1445. <https://doi.org/10.1080/14680777.2022.2030386>

EZEIGBO, A. **Snail-Sense Feminism: Building on an Indigenous Model**. Lagos: University of Lagos Press, 2012.

FARIAS, R.; PINHEIRO, V. A Progenitora Obstinada: Apontamentos sobre a Representação da Maternidade Igbo na Prosa de Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie. **Ilha do Desterro: Revista de Língua Inglesa, Literaturas em Inglês e Estudos Culturais**, 74(1), 2021, pp. 405-418. <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e74004>

FAZAKAS, E. Chimamanda Ngozi Adichie’s Feminist Manifesto as a Compilation of Her Major Topics. **Acta Universitatis Sapientiae, Philologica**, 15(1), 2023, pp. 54–66. <https://doi.org/10.2478/ausp-2023-0004>

GILLEY, B. Chinua Achebe on the positive legacies of colonialism. **African Affairs**, 115 (461), 2016, pp. 646–663. <https://doi.org/10.1093/afraf/adw030>

HALL, S. Introduction: Who Needs ‘Identity’?. In: HALL, S.; GAY, P. (eds.). **Questions of Cultural Identity**. London: Sage, 1996, pp. 1-17.

HALL, S. (1990). Cultural Identity and Diaspora. In RUTHERFORD, J. (ed.), **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 222-237.

HOOKS, B. (2000). **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge, MA: South End Press.

LEMI, L. Commemorative textiles: an African narrative of identity and power. **Humanities and Social Sciences Communications** 11, 537, 2024, pp. 1-9. <https://doi.org/10.1057/s41599-024-03051-z>

NGWABA, I.; AKINWUMI, O.; LARAYETAN, S.; IBEKU, C. A Critical Discourse on Self Discovery in Alice Walker’s Now Is the Time to Open Your Heart and Chimamanda Ngozi Adichie’s Americanah. **Theory and Practice in Language Studies**, 14(5), 2024, pp. 1291-1298. <https://doi.org/10.17507/tpsl.1405.01>

OITTINEN, R.; KETOLA, A.; GARAVINI, M. **Translating Picturebooks:** Revoicing the Verbal, the Visual, and the Aural for a Child Audience. New York: Routledge, 2018. <https://doi.org/10.4324/9781315112480>

NKANSAH, S. K.; BONSU, E. M. Between Tradition and Modernity: Naming Practices as Indicators of Identity in Post-Colonial Ghanaian Literature. **Cogent Arts & Humanities**, 11(1), 2024. <https://doi.org/10.1080/23311983.2024.2382548>

NNAEMEKA, O. Nego-feminism: Theorizing, Practicing and Pruning Africa's Way. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, 29(2), 2003, pp. 357–85. <https://doi.org/10.1086/378553>

RASOOL, S.; HARMS-SMITH, L. Retrieving the Voices of Black African Womanists and Feminists for Work Towards Decoloniality in Social Work. **Southern African Journal of Social Work and Social Development** 34 (1), 2022. <https://doi.org/10.25159/2708-9355/9011>

SAID, E. **Orientalism**. New York: Pantheon Books, 1978.

SALHI, S. Farewell to Tensions for Post-independence Algerian and Nigerian Populations: 'Hybrid Affirmation' as a Postcolonial Proposition. **The Journal of Imperial and Commonwealth History**, 51(5), 2023, pp. 1020–1047. <https://doi.org/10.1080/03086534.2023.2262314>

STEFANOVA, S. Home away from Home: Imageability and Wayfinding in Chimamanda Ngozi Adichie's *The Thing Around Your Neck*. **ES Review: Spanish Journal of English Studies**, 44, 2023, pp. 11–34. <https://doi.org/10.24197/ersjes.44.2023.11-34>